

mutação

Denilson de Cassio Silva¹

Estou só ao final de tudo.
Atropelado por prédios, presídios,
asfalto e o imenso vazio da multidão
de formigas operárias, de empresa a outra,
moderníssimas senzalas,
vigilâncias, misérias, migalhas.
Do nada, quebrando a tempestade,
ao ataque, a fera,
de ponta a ponta, rasga
a neblina, o breu, os cemitérios
à luz do dia.
Vivem os mortos,
morrem os vivos
na fúria de presas, de pelos, de garras, de uivos
alucinados.
O monstro sai da jaula,
o mundo, pira desprovida de fênix,
a si devora.
Ensanguentada, esquartejada,
puro medo, a solidão, a gargalhar,
eco, eco, eco.

¹ Doutor em História e Culturas Políticas pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor de História. Autor de *O drama social da abolição* (Ed. Prismas, 2016), *Perguntas da História* (poemas) (Ed. Labrador, 2018) e da tese *Cecília Meireles e o humanismo cívico: palavras e práticas de um ideário político (Brasil Sudeste, 1915-1964)*. E-mail: denicult@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/013437870784852>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6596-7023>.